

ABORDAGEM TEÓRICA-METODOLÓGICA DA GEOGRAFIA ESCOLAR E COTIDIANO: elementos importantes no processo de ensino e aprendizagem

Vandeir Robson da Silva Matias
Professor de Geografia do CEFET-MG
vandeirgeo@hotmail.com

RESUMO

Pensar o ensino geográfico no início do século XXI demanda superar o senso comum em alguns momentos. Os saberes cotidianos aplicados ao ensino são de suma importância na produção de saberes, todavia não se deve limitar a esse fim. O desenvolvimento do conhecimento geográfico também a busca de processos científicos, teóricos e metodológicos próprios da geografia que garantam sustentação e base à geografia escolar. Sendo assim, o conhecimento teórico-metodológico a cerca da Geografia pelo professor é fundamental na organização e planejamento escolar. No ensino e aprendizagem da geografia além desse conhecimento o educador deve possuir em conta o cotidiano do aluno para que o saber geográfico possa ter significado para os educandos. Assim, acredita-se que o professor de geografia terá resultados satisfatórios no desenvolvimento de habilidades e competências geográficas.

Palavras-chaves: Geografia, cotidiano, teoria e metodologia.

BOARDING THEORETICIAN-METHODOLOGY OF TO SCHOOL GEOGRAPHY AND DAILY - IMPORTANT ELEMENTS IN THE EDUCATION PROCESS AND LEARNING

ABSTRACT

To think the geographic education at the beginning of century XXI demand to surpass the common sense at some moments. To know them daily applied to education they are of utmost importance in the production to know, however it does not have to be limited to this end. The development of the geographic knowledge also the search of scientific, theoretical and methodological processes proper of geography that had guaranteed sustentation and base pertaining to school geography. Being thus, the knowledge theoretician-methodological about Geography for the professor is basic in the organization and pertaining to school planning. In the education and learning of geography beyond this knowledge the educator must possess in account the daily one of the pupil so that geographic knowing he can have meant for the student. Thus, one gives credit that the geography professor will have resulted satisfactory in the development of abilities and geographic abilities.

Key-Word: Geography, daily, theory and methodology

INTRODUÇÃO

As mudanças desencadeadas pela sociedade do conhecimento geram a necessidade de se vislumbrar novos olhares direcionados ao ensino, sobretudo o ensino fundamental. De tempos em tempos, a prática pedagógica é pressionada por mudanças, tanto do ponto de vista filosófico quanto teórico-metodológico. Alguns acreditam que a partir dessas mudanças ocorrerá o cumprimento dos objetivos do ensino fundamental.

Recebido em 20/10/2008

Aprovado para publicação em 22/11/2008

A fim de promover à compreensão e prática da cidadania, a participação social, a valorização da pluralidade cultural brasileira, a utilização de diferentes linguagens, o raciocínio espacial, o desenvolvimento sustentável, entre outros, as diferentes áreas do conhecimento se traduzem em disciplinas nas escolas de ciclo de formação humana, desenvolvem prática pedagógicas coerentes e eficientes para atingir esses objetivos. O conhecimento teórico e metodológico de cada disciplina é fundamental para a organização e planejamento escolar.

ENFOQUES METODOLÓGICOS E ENSINO

Enfoques metodológicos no ensino de geografia é um conjunto de meios para produzir o conhecimento geográfico. Estratégias adotadas no processo de ensino e aprendizagem. As propostas teóricas metodológicas adequadas podem viabilizar resultados mais satisfatórios na produção do conhecimento geográfica. As principais propostas são as de:

Fundamentação positivista: Fundamento lógico e racional aplicado ao ensino. A diferenciação regional, a paisagem, a relação homem-meio, a distribuição espacial são analisados sobre a forma de sistemas, sendo estudados através de uma estrutura lógica e hierarquizada, ou seja, é uma classe espacial que faz parte de um sistema hierarquizado.

Fundamentação crítica: Fundamento baseado no materialismo histórico que permite ao aluno e aluna organizar o pensamento, desenvolver a criticidade para a transformação social, através da organização de uma imagem caótica para uma estrutura bem organizada do espaço geográfico.

Fundamentação fenomenológica: Fundamento baseado na aparência e essência dos objetos para entender configurações espaciais através das percepções.

Fundamentação Humanista: Procura um ensino de geografia que leve em conta uma concepção espacial que além da sua dimensão histórica, tenha uma dimensão simbólica, associada aos sentimentos e idéias, opondo-se ao espaço racional objetivo, com bases econômicas, formuladas pelos chamados homens da ciência. Analisando valores e representações e identidades que configuram o espaço geográfico.

A geografia nasceu no século XIX. As nações mais importantes do mundo precisavam de uma ciência que explicasse a sua posição no mundo e permitisse sua expansão por todo o planeta. Necessitavam de uma descrição precisa da Terra. A geografia surgiu como uma ciência militar, pois para conquistar um terreno é preciso conhecê-lo. O primeiro passo para o desenvolvimento da Geografia foi à expansão européia pelo mundo, iniciada no século XV e conhecida como as "Grandes Navegações", que permitiram uma visão mais clara da Terra.

A geografia nasceu principalmente em dois países: na Alemanha, que politicamente dividida até o século XIX e desejando sua unificação nacional, precisava de uma ciência que justificasse este projeto; e na França que, interessada em conquistar a Ásia e a África, necessitava de uma disciplina que descrevesse estas regiões. Os alemães acreditavam que o espaço físico determinava os comportamentos sociais; os franceses acreditavam que o homem, sendo livre, pode alterar as condições do espaço físico.

Desde sua consolidação no final do século XIX até os dias de hoje, a geografia veio apresentando significativas mudanças teóricas metodológicas. A geografia possui métodos, metodologias e teorias que lhe são próprios e característicos, desenvolvidos e aprimorados através dos tempos. Além desse caráter, o conhecimento geográfico sofreu influência de correntes filosóficas e teóricas de outros países.

As principais tendências geográficas foram marcadas pelo positivismo com explicações objetivas e quantitativas da realidade, que proporcionava uma idéia de neutralidade do saber e discurso geográfico, não priorizando as relações sociais. Essa concepção tem ligação os propósitos da escola francesa Lablanchiana. A geografia com influência dessa escola é

chamada de tradicional e buscava estudar as ações humanas através de um viés naturalizante com um estudo descritivo longe do espaço vivido.

Esse período é marcado pelo estudo descritivo das paisagens humanizadas. Os procedimentos didáticos baseados na descrição e memorização dos elementos são essenciais nessa fundamentação teórica metodológica. Eles constroem uma geografia escolar de caráter neutro, sem compreensão da realidade e sem utilizar a subjetividade. Essa concepção geográfica, além de marcar a prática pedagógica de muitos professores, marcou também os livros didáticos até meados da década de 70.

O tradicionalismo da geografia escolar leva a modismos que são inconstantes e bastante efêmeros, enfoques conceituais exacerbados, dicotomia entre geografia física e geografia humana, memorizações mesmo utilizando estudos do meio e negação das interações sociedade e natureza. Concepções teóricas metodológicas de cunho positivista não contribuem para a edificação do saber geográfico, pois desconsidera a diversidade cognitiva dos alunos e alunas, política contrária das escolas que hoje adotam os ciclos de formação humana.

A geografia foi introduzida nas escolas com o objetivo de contribuir para a formação dos cidadãos, a partir da difusão da ideologia do nacionalismo patriótico. A geografia estava ligada aos interesses políticos e econômicos do Estado-nação. Nas escolas trabalhavam a estruturação mecânica dos fatos, fenômenos e acontecimentos divididos em aspectos físicos, aspectos humanos, aspectos econômicos, de modo a fornecer aos alunos uma descrição das áreas estudadas, sejam de um país, de uma região ou de um continente.

O aspecto teórico e metodológico da geografia nessa época estava ligado à ideologia do nacionalismo patriótico, ou seja, o patriotismo verdadeiro, esclarecido e inteligente segundo os seus precursores que faziam uma geografia de propaganda do espaço. Trabalhava-se com a região natural e o fator humano de cunho descritivo.

As metodologias e as teorias da geografia tradicional tornaram-se insuficientes para trabalhar em sala de aula com a complexidade do espaço geográfico e não garantia a participação ativa do aluno na edificação do saber geográfico. As simples descrições tornaram-se insuficientes. A realidade tornou-se muito complexa pós-1945 e não permitia explicação com uma visão neutra. Os fatos tinham raízes históricas e não eram tão espontâneos como alguns estudiosos acreditavam.

A partir dos anos 60, teorias marxistas sobre a sociedade, trabalho, natureza, apropriação dos lugares e territórios ganham espaço na geografia através do caráter de denúncias e lutas sociais. Não bastava explicar o mundo, era necessário transformá-lo.

Explicar o processo de produção do espaço para os educandos significava contemplar questões como relações sociais de produção, modos de produção, meios de produção, forças produtivas, formação social e desigualdades sociais. Quando nos propomos a estudar, de forma marxista, partindo da base materialista e histórica, atentos para gênese e desenvolvimento espacial, conseguimos vislumbrar as contradições existentes dentro desse processo, principalmente se o foco estiver nas questões sociais.

Assim trabalha-se dentro da dialética, onde a cada pergunta que se faz, vai se formando outras, tão dinâmicas quanto às mudanças sociais, claro que dentro desse contexto sempre se tem um objetivo, mas esse movimento contraditório propicia novos olhares e diferentes tipos de respostas que vai muito além da aparência tão criticada por esse método.

Então podemos dizer que a proposta teórica metodológica presente propicia não uma única visão normativa da realidade, mas oferece um número bem maior de possibilidades, não normativas que servem para continuar o processo de produção de conhecimento. Essa proposta coloca o saber geográfico como algo construído, com certa intencionalidade que deve ser desvendada, onde o aluno interage, exerce sua criatividade e fortalece sua auto-estima.

Conclui-se que o marxismo não ajudava na compreensão do mundo simbólico e das representações. Fica claro que a utilização apenas de uma teoria e um único método na proporcione uma eficácia na edificação do conhecimento.

A proposta teórica metodológica de fundamentação humanista não se enfatiza técnica ou método para se facilitar à aprendizagem. A ênfase é atribuída à relação pedagógica, com um clima favorável ao desenvolvimento das pessoas, de um clima que possibilite liberdade para aprender. Os conteúdos não devem ser suprimidos, mas eles devem ser significativos para os alunos.

O processo de ensino irá depender do caráter individual do professor, como ele se relaciona com o caráter individual do aluno. O professor assume a função de facilitador da aprendizagem. O aluno deve responsabilizar-se pelos objetivos referentes à aprendizagem, que tem significado para ele, e que, portanto são os mais importantes. As qualidades do professor são: autenticidade, compreensão empática e apreço.

A experiência pessoal e subjetiva é o fundamento sobre o qual o conhecimento é construído. É atribuído ao sujeito papel central e primordial na elaboração e criação do conhecimento. O conhecimento é inerente à atividade humana. O ser humano tem curiosidade natural para o conhecimento. Essa proposta teórica metodológica é muito próxima do ciclo de formação humana, pois leva em conta a diversidade do aluno e aluna, seu desenvolvimento cognitivo e o seu tempo para aprendizagem e desenvolvimento de conteúdos, habilidades ou competências.

A tendência é a geografia utilizar diferentes concepções teóricas metodológicas de acordo com o seu objeto de estudo e conteúdo. Assim como trabalhos interdisciplinares com outros campos do saber. As inovações teóricas e metodológicas são um estímulo à produção de novos modelos didáticos.

Um professor que não faz reflexão dos aspectos teórico-metodológicos da ciência geográfica fica com uma visão limitada, baseada na lógica formal, reproduzindo determinado tipo de conhecimento, sem a menor criticidade. Basicamente sem essas reflexões teóricas, o professor faz uma Geografia pobre e sem critério.

Quando fazemos essas reflexões percebemos que existe algo que está atrás do processo de ensino aprendizagem. Estamos vivendo em uma sociedade concreta, que predomina a dominação das relações entre os indivíduos e dos meios de produção. O que se tem observado é que o professor é peça chave na reprodução do conhecimento que domina corações e mentes na sociedade. O professor entre nesse esquema da sociedade a partir do momento em que se submete ao conteúdo imposto pela ciência positivista ou pela sociedade.

A escola propõe um processo de ensino-aprendizagem baseado na lógica formal, pois só assim os alunos terão acesso a essa sociedade excludente, tal como ela se configura hoje. O pensamento lógico faz-se presente na sala de aula, levando a coisificação do homem, pois os dominadores sabem que a vivência na escola interfere na vida das pessoas. Nesse ensino têm valores de comportamento, sistemas, mercadorias, onde o aluno aprende a raciocinar.

A Geografia segue esse esquema de ensino, não só ela como outras disciplinas, pois o pensamento está estruturado na lógica formal e os alunos são avaliados dentro dessa lógica. Podemos em específico citar o caso da cartografia, que se baseiam na lógica formal, símbolos, convenções, tudo é igual e não admite o pensamento contraditório. É necessário mudar a prática para construir um ensino de Geografia mais interessante e mais condizente com a realidade. Só podemos mudar a prática a partir do momento que entendemos de onde veio a Geografia e seus pressupostos teórico-metodológicos¹.

¹ CASTRIGIOVANNI. Antônio e outros. Ensino de Geografia-práticas e textualizações no cotidiano. Porto Alegre: Mediação, 3ª ed. 2003.

O professor que não faz reflexão nenhuma acerca da teoria da Geografia faz um ensino geográfico para servir como instrumento de alienação coletiva, promovendo a ideologia territorial burguesa. É necessário um amadurecimento dos docentes. O fazer geográfico é uma invenção do mundo, uma intervenção que deve se basear na dialética para gerar a contradição e propiciar o debate, só assim poderá analisar o mundo e seus acontecimentos espaciais com um pouco de criticidade, de modo a entender a barbárie que sofremos diante de um conhecimento que é manipulado pelos interesses de alguns.

Qualquer recurso didático que se queira utilizar exige que o professor tenha referenciais teóricos e metodológicos da sua ciência que iram influenciar o planejamento do curso e da aula. Os pressupostos teóricos e metodológicos são importantes para a análise geográfica.

Compreendendo as teorias e métodos da geografia, o professor constrói com seu aluno um ensino geográfico onde os educandos compreendem de forma mais ampla a realidade, interferindo de maneira positiva e propositiva. O professor de geografia deve buscar práticas pedagógicas relevantes como: identificação, leitura da paisagem, observação, interação, problematização, registro, descrição, documentação, representação, pesquisas, hipóteses, exploração para construir desenvolver conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais.

Metodologias de análise são essenciais na construção de conhecimentos geográficos, às vezes do local para global outras do global para o local para levar ao entendimento e comparação da pluralidade do mundo e dos cotidianos.

Abordagens sócio construtivistas, humanistas e cognitivistas, são muito utilizadas pelos docentes nas escolas de ciclos de formação humana. Aquelas oferecem uma maior aproximação do educando enquanto sujeito sócio cultural, levando ao desenvolvimento intelectual, potencializando o processo de aprendizagem.

Em cooperação junto a demais disciplinas, a geografia deve assumir sua responsabilidade na tarefa de compreensão da sociedade em que vive e ações positivas nesse ambiente. Desenvolvendo não para o aluno, mas principalmente com o aluno a perspectiva da sociedade enquanto um todo, fruto da unidade na diversidade¹.

É claro que estas questões não são estranhas à ideologia. A questão teórica metodológica da educação não pode ser escondida ou subestimada. No processo de ensino e aprendizagem, nenhuma teoria, método ou metodologia pode ser imposta ao aluno; mas para que essa questão não acabe penetrando inadvertida, esta deve ser explicitada, debatida e problematizada abertamente. Em outras palavras, o compromisso da geografia deve ser com a formação de indivíduos autônomos, criativos e críticos, com a habilidade e a coragem de construir um novo espaço geográfico, um espaço globalizado pela solidariedade.

COTIDIANO E A GEOGRAFIA ESCOLAR

O conhecimento geográfico deve estar presente na sociedade como elemento emancipatório do indivíduo, pois as reflexões espaciais são essenciais ao exercício da cidadania e ao viver bem em comunidade. Dessa forma, a Geografia deve possibilitar o conhecimento do espaço geográfico na sua totalidade envolvendo as relações do homem com a natureza, o progresso científico, a produção industrial e agrícola, o desenvolvimento social, etc.

¹ DAMIANI, Amélia Luisa. *A Geografia e a construção da cidadania*. (IN) CARLOS, Ana Fani Alessandri. *A Geografia na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2003.

A modificação do espaço geográfico é feita pela sociedade, pelo trabalho de muitas pessoas. Algumas vezes o espaço geográfico é modificado muito depressa e sem planejamento, ou sofre alterações profundas a partir da exploração de um recurso natural. Nesse caso a modificação causa problemas socioambientais, como o desmatamento, o assoreamento de rios, a poluição do ar e das águas, exclusão social, etc.

Desenvolver um processo de produção do conhecimento geográfico nessa linha de raciocínio que ajude a construir alternativas para viver melhor em sociedade demanda que se considere o espaço de vivência dos alunos e os seus conhecimentos prévios no processo educativo. Os alunos trazem conhecimentos importantes da sua realidade que devem ser considerados no ensino e aprendizagem da geografia escolar do ensino fundamental. Segundo Dayrell (2000, p.55)

(...) para aprendizagem se efetivar é necessário levar em conta o aluno em sua totalidade, retomando a questão do aluno como sujeito sócio cultural, quando sua cultura, seus sentimentos, seu corpo, são mediadores no processo de ensino e aprendizagem.

O espaço geográfico deve ser entendido enquanto totalidade por onde passam as relações cotidianas e onde se estabelecem as redes sociais em diferentes escalas. Esse entendimento gera uma informação que deverá formar redes de significados para o aluno e aluna. Esses indivíduos vão à busca do entendimento da espacialidade que é simultaneamente produto social e uma condição da prática individual e social.

As pessoas têm a liberdade de dar significados diferentes para as coisas e no seu cotidiano elas convivem com esses significados. Trabalhar o cotidiano significa a valorização da experiência do aluno. Esse cotidiano que expressa essas características é composto por símbolos, códigos e significações dos lugares.

O professor deve valorizar os fatores culturais da vida cotidiana, compreendendo a singularidade e pluralidade dos lugares no mundo. O ensino se dá muitas vezes de maneira descontextualizadas do lugar em que se encontra inserido. Quando se considera a criança apenas como um futuro adulto que deve ser preparado para desempenhar o papel útil na sociedade, não está se considerando as experiências do seu lar e do seu meio. O professor acaba aplicando as mesmas tarefas, os mesmos conteúdos e as mesmas avaliações sem observar as especificidades de cada aluno. Sem valorizar as diferenças entre os alunos, buscando compreendê-las e inseri-las de maneira natural no ambiente de ensino, sem confrontar radicalmente os valores que estes já adquiriram,

Para Vygotsky¹ no processo educacional, a formação de conceitos se constrói pelo confronto entre conceitos cotidianos e conceitos científicos. Deve-se buscar uma prática de ensino geográfica voltada para os interesses das classes populares. Daí a necessidade de se considerar o saber e a realidade do aluno como referência para o estudo do espaço geográfico, na sua concretude e nas suas contradições.

Observa-se que é necessário ir além do conteúdo numa proposta de ensino. Tendo o aluno como sujeito do processo de ensino e aprendizagem, onde o seu cotidiano irá ajudar a formar raciocínios e concepções mais articuladas a noção de espaço, pensando os fatos em acontecimentos constituídos de múltiplos determinantes.

Nessa visão, o aluno é um ser inacabado, uma pessoa na qual os sentimentos e as experiências exercem um papel muito importante como fator de crescimento e a interação com os outros sujeitos são essenciais no processo de produção do conhecimento. O conhecimento

¹ VYGOTSKY, Lev. S. *Linguagem e desenvolvimento e aprendizagem*. São Paulo: ícone/Edusp, 1988.

é uma experiência pessoal e subjetiva fundamental para sua construção. Aquele é inerente à atividade humana e o sujeito tem curiosidade natural para o conhecimento, portanto é necessário manter esse aspecto nos indivíduos.

Os conceitos científicos têm o papel de propiciar a formação de estruturas para a conscientização e ampliação de conceitos cotidianos, possibilitando, assim, o desenvolvimento intelectual. Não se enfatiza técnica ou método para se facilitar à aprendizagem. A ênfase é atribuída à relação pedagógica, a um clima favorável que possibilite liberdade para aprender e ao desenvolvimento das pessoas.

Os conteúdos não devem ser suprimidos, mas eles devem ser significativos para os alunos. Aqueles devem ser trabalhados associados às representações sociais que não são apenas conceitos, são também imagens. A representação social é uma modalidade de conhecimento particular que tem por função a elaboração de comportamento e comunicação entre os indivíduos. Nesse sentido as representações não são apenas reflexos de informações, mas criações dos sujeitos que expressam.

Funcionam como uma das perspectivas de entendimento da elaboração e veiculação de conceitos e imagens da realidade. Configura-se como um caminho metodológico possível e associado às categorias da geografia levando a construção e reconstrução dos conhecimentos necessários ao desenvolvimento intelectual dos alunos.

A produção da geografia pelo indivíduo depende entre outras determinações, do conjunto de representações sociais sobre o espaço. A geografia deve ser construída a partir da prática social cotidiana do aluno. Levar em conta o mundo vivido dos alunos implica aprender seus conhecimentos prévios e sua experiência em relação ao assunto estudado, o que pode vir junto com outras ações, como atividades de observação.

Vygotsky¹ também chama a atenção para o papel da linguagem como sistema mediador na transmissão e comunicação entre as pessoas. Porque o pensamento é complexo, unindo e distinguindo os fatos e fenômenos espaciais.

Trabalhar o cotidiano gera o confronto de idéias que intervêm e depois constrói o conhecimento. O raciocínio geográfico só é construído pelos alunos se for, o tempo todo, um processo do aluno, que dele parta e nele se desenvolva, porque ensinar é fazer com que as crianças coloquem novos problemas que não teriam levantado fora da escola.

O aluno muitas vezes não participa do espaço geográfico que estuda. Se o espaço não é encarado como algo em que o homem esta inserido, natureza que ele próprio ajuda a moldar, a verdade geográfica do indivíduo se perde e a geografia torna-se alheia a ele. Trabalhar o espaço geográfico dos alunos facilita o acesso deles ao conhecimento científico da geografia.

Nessa concepção, o ensino deve ser uma atividade mediadora da relação cognitiva do aluno com os objetos de conhecimento e precisa basear-se nas peculiaridades do processo de desenvolvimento mental dos alunos, pois o ensino deve levar a aprendizagens transformadoras e reflexivas. Levando em conta a historicidade, visões de mundo, valores, sentimentos, emoções, desejos e projetos de cada um.

Os alunos devem reconhecer conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais além de categorias tais como espaço geográfico, território, paisagem, lugar e região e operar com eles, identificando-os no espaço de vivência.

¹ VYGOTSKY, Lev. S. *Linguagem e desenvolvimento e aprendizagem*. São Paulo: ícone/Edusp, 1988.

O lugar é o espaço onde ocorrem às interações entre o homem e a natureza para incorporar as representações simbólicas que constroem juntamente com a materialidade dos lugares e com as quais também interagem, ou seja, o lugar é o espaço da experiência vivida.

É por intermédio dos lugares que se dá a comunicação entre homem e mundo, onde os seres humanos desenvolvem a vida, criando identidades. Nessa categoria ocorre à emergência de experiências, culturas que se chocam gerando diversos significados, através das relações pessoais e experiências efetivas, que proporcionam significados aos lugares sejam eles positivos ou negativos. Os lugares são, portanto recortados afetivamente.

A categoria lugar mostra através da paisagem, a história da população que ali vive os recursos naturais de que dispõe e a forma como se utiliza tais recursos essenciais à manutenção da vida no planeta Terra.

Sua importância reside no seu caráter de universalidade, o que pode potencializar a capacidade dos alunos de compreender informações sobre os diferentes lugares do mundo, de compreender as análises geográficas, de ler mapas simples e complexos. A ideia de lugar esta associada à imagem da significação, do sentimento, da representação para o aluno.

O lugar deve ser estudado a partir da observação, descrição, comparação, estabelecendo relações, correlações, conclusões e sínteses. Assim também como os não lugares que são espaços vazios de conteúdo, sem história significativa. Espaços neutros e transitórios.

A praça, o parque, a rua, lugares especiais nos aglomerados urbanos, são referências de contato, de relações da sociedade com os lugares, pois todos trazem impressões valiosíssimas do cotidiano. Para o homem, a realidade geográfica é primeiramente o lugar em que estão os lugares de sua infância, os ambientes em que lhe chama mais atenção, ou seja, aquele ambiente que lhe é mais significativo.

Estudar o lugar para compreender o mundo e buscar reconhecer os vínculos afetivos que ligam as pessoas aos lugares. Contudo é necessário superar o senso comum. Fazer reflexões sobre o lugar como espaço de vivência, analisando a configuração histórica desses lugares para além de suas aparências.

Aprender a pensar o espaço, a partir do lugar pode-se descobrir o mundo, tendo a possibilidade de construir com os alunos um método de análise espacial que favoreça a construção da cidadania. Daí a necessidade de considerar o aluno um sistema vivo que realiza coordenações movidas pelos seus conhecimentos e representações já construídas no seu viver. O aluno assim considerado exige do professor uma nova postura relacional.

O processo de ensino irá depender do caráter individual do professor, como ele se relaciona com o caráter individual do aluno. O professor assume a função de facilitador da aprendizagem. O aluno deve responsabilizar-se pelos objetivos referentes à aprendizagem, que tem significado para ele, e que, portanto, são os mais importantes. As qualidades do professor são: autenticidade, compreensão empática e apreço, ou seja, deve haver um compromisso docente no processo de ensino e aprendizagem.

O professor deve proporcionar a oportunidade dos alunos pensarem sobre o que falam e falarem sobre o que pensam, enfim, tomar as falas dos alunos em seu contexto porque não considerar as falas dos alunos, significa criar barreiras.

O espaço da sala de aula deve permitir o diálogo, a expressão de experiências concretas vivenciadas pelos educandos no seu cotidiano, valorizando a identidade de cada pessoa, de cada lugar e de cada época, proporcionando uma educação que leva a construção da sociedade que queremos para o futuro.

Os conteúdos de geografia devem ser conectados ao espaço de vivência dos educandos, para que possam entendê-lo, explicá-lo, criando mecanismos de intervenção, contribuindo para a qualidade de vida e para a justiça social. Porque estudar o espaço geográfico é estudar a vida.

Conhecer significa compreender todas as dimensões da realidade, captar e expressar essa totalidade de forma cada vez mais ampla e integral. Essa construção do conhecimento é lógica, coerente, sem seguir uma única trilha previsível, seqüencial, mas que vive se ramificando em diversas trilhas possíveis, pois a informação deve formar redes de significados com o conhecimento prévio do aluno.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O saber do aluno é um saber como qualquer outro e mais que isso, um saber que, se devidamente considerado, pode sem dúvida alguma facilitar o acesso desses alunos ao conhecimento científico da geografia, pois a percepção do indivíduo é marcada por laços afetivos e referências sócio-culturais.

Consideram-se as múltiplas dimensões que se relacionam na (re) produção do espaço geográfico e a inserção do conhecimento enquanto construção contínua na relação entre professor-aluno-realidade devendo, porém, estarmos atentos para os objetivos que se pretende alcançar no trabalho geográfico escolar, se é a de caminharmos em direção à construção de uma visão da sociedade que queremos, sendo conhecimento para a ação ou se é a de manutenção da sociedade que temos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASTRIGIOVANNI, Antônio e outros. Ensino de Geografia-práticas e textualizações no cotidiano. Porto Alegre: Mediação, 3ª ed. 2003.

DAMIANI, Amélia Luisa. *A Geografia e a construção da cidadania*. (IN) **CARLOS**, Ana Fani Alessandri. *A Geografia na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2003.

DAYRELL, Juarez e outros. Múltiplos olhares sobre educação e cultura. Belo Horizonte: UFMG, 2000.

VYGOTSKY, Lev. S. *Linguagem e desenvolvimento e aprendizagem*. São Paulo: Ícone/Edusp, 1988.